

# NARRATIVAS DE REVOLTA E AFETO: PRÁTICAS LIBERTÁRIAS E ARTOGRÁFICAS NO ENSINO DE ARTES VISUAIS NO IFPI

Virgínia Lopes de Lemos<sup>1</sup>  
Fábio Estefanio Lustosa de Brito Lopes<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho apresenta breves relatos de práticas ligadas ao ensino de Artes Visuais em turmas de ensino técnico integrado ao médio do Instituto Federal do Piauí - IFPI, mais especificamente, nos câmpus Oeiras e Valença, cidades localizadas na região do semiárido piauiense. As práticas, contemplam projeto de integração/colaboração e buscam aproximação e diálogo com o ensino integral proposto pela Pedagogia Libertária. Entendendo o processo de investigação como uma pesquisa viva artográfica, buscamos relatar três experiências que partiram de motivações conceituais ligadas a revolta e ao afeto, realizadas no âmbito do Ensino e da Extensão. Duas das atividades foram realizadas como projetos de Ensino, no contexto diário das aulas, empregadas como uma alternativa metodológica ao ensino cartesiano ainda tão comumente encontrado no cotidiano das salas de aula na nossa instituição. A última prática descrita faz parte do Circuito de Arte Contemporânea, projeto de integração ligado à Extensão, gestado como o encontro entre os câmpus da Instituição e suas respectivas comunidades. Trata-se de uma mostra de processos resultantes da produção realizada pelos discentes durante as aulas de Arte e durante vivências na comunidade. Das práticas cotidianas ao diálogo exógeno, entendemos que a educação integral, sob a ótica libertária, se apresenta nas práticas descritas como guia das metodologias relacionadas ao processo de ensino/aprendizagem, bem como o uso da *a/r/tografia*, enquanto proposta metodológica de pesquisa, ensino e prática artística no âmbito do Ensino de Arte dentro do IFPI. Concluímos que a prática da Pedagogia Libertária e o uso da *a/r/tografia* são possíveis e necessários, uma vez que apresentam resultados que vão além do mero fazer e sentir, contemplando e ampliando a leitura crítica com sentido na liberdade, com entendimento da diversidade. Trabalhamos na perspectiva da emancipação intelectual dos estudantes ao buscar práticas com o currículo aberto, e ao priorizar os processos de aprendizagem mais do que o conteúdo padronizado. Dentro desse caminho, contamos com a ampliação do caráter colaborativo, com aulas pensadas de forma democrática, estimulando a autonomia do corpo discente.

**Palavras Chaves:** Ensino de Artes Visuais, Pedagogia Libertária, *A/r/tografia*

O objetivo deste trabalho é relatar experiências de Ensino de Arte desenvolvidas em dois câmpus do IFPI, cujas bases estão alicerçadas na Pedagogia Libertária e têm como proposta metodológica a *a/r/tografia*.

---

<sup>1</sup> Virgínia Lemos, Mestre em Artes Visuais (Universidade Federal da Paraíba - UFPB), virginia.lemos@ifpi.edu.br.

<sup>2</sup> Fábio Estefanio Lopes, Mestre em Artes, Patrimônio e Museologia (Universidade Federal do Piauí - UFPI) fabiolopes@ifpi.edu.br.

Localizadas ao sul da capital, na região do semiárido piauiense, os câmpus de Oeiras e Valença, têm cursos voltados principalmente para as Áreas/Eixos da Gestão e Negócios, Agropecuária, Ambiente, Saúde e Segurança.

Objetivando a emancipação intelectual dos discentes, buscamos trabalhar com currículo aberto, priorizando os processos de aprendizagem mais do que no conteúdo padronizado. Temos uma ampliação do caráter colaborativo de encaminhamento para um tema específico, estimulando a autonomia do corpo discente dos cursos Técnicos Integrados ao Médio. Dentro desta perspectiva, de modo mais específico, notamos que entre as possibilidades de linhas temáticas, racismo, depressão e violência de gênero são temas recorrentes nas falas do alunos dos dois câmpus.

O ponto primordial que baliza nossa prática é a vontade de emancipação intelectual dos estudantes. Assim, buscamos desenvolver a Pedagogia Libertária (PL) como abordagem pedagógica possível a este fim. Segundo o filósofo francês contemporâneo Jacques Rancière, a emancipação intelectual proposta por Joseph Jacotot (1770 – 1840) preconiza que “é o discípulo que faz o mestre” (RANCIÈRE, p. 39, 2013). Este pensamento está alinhado com PL e a a/r/tografia, ponte estabelecida por meio da construção coletiva do conhecimento.

Dentro dessa perspectiva, as práticas aqui descritas buscam superar o atual modelo embrutecedor de educação, descrito por Rancière em seu livro O Mestre Ignorante como sendo a confirmação “[...] de uma incapacidade pelo próprio ato que pretende reduzi-la” (RANCIÈRE, p. 13, 2013). Isso quer dizer que a educação tradicional, e mesmo as propostas modernistas de ensino, pressupõem que há um distanciamento entre a inteligência do mestre, detentor do Saber e a do estudante, sendo este inferior àquele.

Se o saber é apenas um bem, uma posse que nos empanturra, eis-nos bem mal preparados para vida. O Saber deve incorporar-se à personalidade, o objetivo supremo da educação não é mais o Saber, mas o Querer nascido do Saber, e assim se formará o homem pessoal ou livre (STIRNER, p. 29 , 2001).

É essa é a diferença entre o ensino que liberta para a criação e não para a simples domesticação imposta pela força hegemônica. Na contramão desse

ensino embrutecedor há a educação para a emancipação, que quer dizer “[...] forçar uma capacidade que ainda se ignora ou se denega a se reconhecer e a desenvolver todas as consequências desse reconhecimento” (RANCIÈRE, p. 12, 2013). O ato passivo de recepção dos conteúdos por parte do estudante eterniza as desigualdades de todos os tipos. Para superar tais desigualdades é necessária a emancipação das inteligências. “Há embrutecimento quando uma inteligência é subordinada a outra inteligência” (RANCIÈRE, p. 31, 2013).

Numa perspectiva marxista de estruturação da sociedade em classes, essas diferenças se dão em todos os aspectos, não apenas econômico. O antropólogo argentino Néstor García Canclini destaca que a dinâmica cultural da chamada burguesia “simula que seus privilégios se justificam por causa de algo mais nobre do que a acumulação material” (CANCLINI, p. 81, 2009), o que Bourdieu chamou de capital cultural. Deslocando as razões para estas diferenças do campo econômico para o campo simbólico, a classe dominante simula uma verdade para justificar seus privilégios: de que as desigualdades se dão pelo que se é, não pelo que se possui. “A cultura, a arte e a capacidade de desfrutá-las aparecem como ‘dons’ ou qualidades naturais, não como resultado de uma aprendizagem desigual devido à divisão de classes” (CANCLINI, p. 81, 2009). Apoiado pela escola, o Estado garante a eternização dessas diferenças. Vale ressaltar que as diferenças de aprendizagem não se dão em virtude das diferenças de inteligências entre os indivíduos, mas do acesso ao conhecimento e ao estímulo à vontade de saber, conhecer e aprender. Acrescente-se ainda que o conhecimento valorizado pela cultura hegemônica é de caráter eurocêntrico, patriarcalista e cristão. Tudo que foge a estes caracteres é considerado de menor ou nenhum valor, inferiorizado e eliminado da cultura geral - vide cultura dos povos ameríndios quando da colonização das Américas.

As práticas libertárias no ensino de Arte que construímos coletivamente visam não a superação dessas diferenças, que seria, pela própria tentativa, um reforço delas. Visam, ao contrário, a emancipação intelectual tanto dos discentes quanto dos docentes envolvidos nas práticas. A coletividade da qual falamos está tanto no âmbito da relação entre nós (professora e professor de Arte do IFPI em

dois câmpus distintos) quanto na relação entre cada docente com os estudantes do seu respectivo campus, uma vez que dialogamos segundo uma mesma perspectiva de Educação: uma Educação para a Liberdade. Ademais, buscamos meios de levar os estudantes dos dois câmpus em questão a interagirem entre si, resultando em práticas estéticas coletivas.

Caracterizam a prática pedagógica libertária o antiautoritarismo, o respeito aos educandos em suas diferenças, considerando-os ativos e críticos, construtores dos processos de ensino e aprendizagem.

A PL propõe a educação livre de dogmas calcificados pela Igreja e pelo Estado, sustentados por uma classe minoritária detentora do conhecimento e da ciência. Contextualizando o ensino no Brasil dos anos 1920, quando da chegada das ideias libertárias, e do século XXI, ainda se pode falar em uma educação parcelarizada na qual o conhecimento é diferentemente ofertado para ricos e para pobres, salvo algumas poucas exceções.

Opondo-se ao pensamento dogmático, em seu início a educação libertária rejeitou os livros apresentados pelo Estado e passou a divulgar a ideia do ensino racional. Entre seus pensadores está Francisco Ferrer i Guardia (1859 – 1909), espanhol de origem catalã idealizador da Escola Moderna, fundada em Barcelona no ano de 1901, mas que teve curta duração, foi fechada em 1906.

Em Ferrer, o racionalismo é percebido como um dos aspectos a serem desenvolvidos pelo ser humano, assim como suas emoções, anseios e sua liberdade, distanciando o racionalismo clássico do racionalismo da Escola Moderna. Segundo Ferrer (2010, p. 4), “uma educação racional e um ensino científico salvariam a infância do erro, dariam ao homem a bondade necessária e reorganizariam a sociedade em conformidade com a justiça”.

Outro pilar da educação libertária é o ensino integral, considerada uma “proposta de educação para o desenvolvimento completo do homem, ou seja, físico, intelectual e moral (...) sem a tradicional separação entre trabalho manual e intelectual” (KASSICK, 2014, p. 25).

A ideia de utopia na perspectiva libertária diz respeito às práticas e possibilidades reais, objetivos atingíveis, por complexos que sejam, uma vez que

para torná-la real é necessário apenas que alguém a ponha em prática. Michel Antony (2011, p. 17) acredita – e nós também – que “a utopia libertária é bem real e muito presente”. Ela ressurgiu de tempos em tempos sob diversas maneiras; e, para nós, ela se manifesta, sobretudo, na forma de práticas pedagógicas autônomas, mesmo estando reduzidas a pequenas ações dirigidas a pequenos grupos. Para o autor, “o educador (consumado, ou libertário evidentemente) é por definição um utopista” (2011, p. 215). Neste sentido, o filósofo francês Michel Foucault (1926 - 1984) apresenta o conceito de heterotopia como sendo um lugar real, “uma constante de qualquer grupo humano” (p. 416). São espaços ao mesmo tempo físicos e mentais, que podem abrigar múltiplos espaços simultaneamente, estão dentro e fora da sociedade, são reservados a grupos de pessoas.

A heterotopia (do grego heteros = outro; topia = lugar) é o espaço do outro. “É a realização da utopia num espaço específico; é a urgência de seu acontecimento, o que já é impossível aguardar” (PASSETTI; AUGUSTO, 2008, p. 82). Sendo cultural, a heterotopia varia segundo o tempo e o espaço geográfico, podendo justapor espaços simultaneamente antagônicos. Espaços heterotópicos são, ao mesmo tempo, apartados do meio social e inseridos nele, possuem limitações de entrada e saída, criam a ilusão de inclusão, enquanto na realidade estão excluindo.

A própria ideia de Identidade Nacional tão forte no programa do atual governo, também é excludente. Essa identidade é tratada por Bauman, ao citar a experiência de Estados onde o discurso do “pertencimento” acaba por impor fronteiras.

A ficção da “natividade do nascimento” desempenhou o papel principal entre as fórmulas empregadas pelo nascente Estado moderno para legitimar a exigência de subordinação incondicional de seus indivíduos.

[...]

A identidade nacional foi desde o início, e continuou sendo por muito tempo, a noção agonística e um grito de guerra[...] consiste antes de mais nada, no poder de exclusão. Sua raison d'être era traçar, impor e policiar a fronteira entre “nós” e “eles” (BAUMAN, 2005, p.26-27).

Percebemos o IFPI como esse espaço heterotópico: ao tempo em que insere no mesmo espaço um grupo de pessoas, exclui outro grupo (muito maior do que aquele que foi incluído). É um espaço real e delimitado. Mesmo o grupo que acessa, encontra nesse espaço a reprodução da lógica servil do ensino técnico com a da formação de mão de obra especializada para atender a necessidade neoliberal, em todo seu contexto excludente.

É neste ponto que chegamos à a/r/tografia. Visto como um espaço heterotópico, o IFPI é o cenário justo e necessário ao desenvolvimento da a/r/tografia com viés libertário.

Desenvolvida por Rita L. Irwin (1999) e sua equipe da Faculty of Education – Department of Curriculum & Pedagogy – The University of British Columbia – Vancouver Campus – Canadá, a a/r/tografia propõe o atravessamento entre três identidades inerentes umas às outras: A/ (artist) = artista + r/ (research) pesquisador + t/ (teacher) professor. A relação entre as práticas artísticas, a pesquisa e a ação pedagógica favorece o desenvolvimento de atividades como instalações, performances, produção textual com leitura coletiva.

Os enlaces entre as imagens mentais de cada um de nós com as imagens dos discentes no processo de criação são inevitáveis e necessários à construção dos trabalhos que desenvolvemos nos câmpus. A a/r/tografia não tem como fim a produção de obras de arte, nem prioriza o resultado final, mas sim o processo, o fazer; observa atentamente o contexto social e suas potencialidades, a força exercida por ele na produção visual coletiva e como o contexto pode ser modificado ao longo da construção do material desenvolvido (HERNÁNDEZ, 2013, p. 57).

A a/r/tografia possibilita aberturas de diálogos, fundamentais para a consolidação de uma relação de confiança recíproca entre docente-discente e os discentes entre si. Sem necessidade de imposições ou chantagens, a dinâmica das aulas é construída de modo dialogado, firmamos entendimentos sobre nossas atitudes ao longo das atividades, sejam nas aulas teóricas ou nas práticas.

Continuamos buscando a educação para liberdade até porque é real

[...] o desconforto que mobiliza a necessidade de expressar o que não cabe no mapa vigente, criando novos sentidos, condições para que a vida volte a fluir. É nisso que consiste a experiência estética do mundo: ela depende da capacidade do corpo de fazer-se vulnerável a seu entorno, deixando-se tomar pela sensação da disparidade entre as formas da realidade e os movimentos que se agitam sob sua suposta estabilidade, o que coloca o corpo em "estado de arte" (LIMA, TAVARES, 2011, p. 24).

As experiências descritas a seguir, são tentativas de exercitar estes conceitos e metodologias, procuramos constituir um espaço onde os estudantes têm livre trânsito, não precisam pedir permissão para saírem da sala, a dinâmica das falas é costurada em coletividade, não fazemos provas ou tarefas de casa. A ideia é que tudo seja feito em conjunto, salvo algumas pesquisas paralelas que podem surgir de acordo com os temas tratados.

### **Relatos processuais**

Relataremos três experiências. As primeiras, "Arte e produção de sentido" e "Massa errante", realizadas no contexto diário das aulas como projeto de Ensino. As práticas trabalham com o uso do corpo que deriva, com o entendimento e diálogo com este vasto caldeirão de culturas, ativando as memórias e buscando a construção de sentido e o embate com a reprodução do discurso hegemônico. Em Oeiras, o afeto é desperto por meio da ativação da memória em processo de construção de sentido coletivo, já em Valença alimenta-nos a revolta com o sistema educacional mantenedor das diferenças de classes e da exploração do trabalho do ser humano. É como damos forma à prática libertária no nosso cotidiano escolar.

A terceira, trata da realização do Circuito de Arte Contemporânea do IFPI, projeto desenvolvido na Extensão, uma mostra dos processos realizados a partir da produção de arte dos discentes dos dois câmpus, no âmbito das aulas de arte, em diálogo com as problemáticas sociais locais e nacionais como a produção e descarte de lixo advindo do consumo exagerado e o ataque às políticas públicas direcionadas a educação.

## Arte e Produção de Sentido

Uma prática que buscou através da ativação da memória, construir conexões afetivas em torno do entendimento sobre arte como linguagem, produto de um diálogo social (memória social) e arte como produção de sentido. Esta atividade foi realizada como uma primeira aproximação com as turmas recém chegadas no campus Oeiras no início do ano letivo em 2019.

Os alunos foram levados a sair da sala em deriva pelo campus, buscando "algo que fizesse sentido ou ativasse alguma memória". Os objetos colhidos foram deixados no centro da sala. Solicitamos que escrevessem, de forma breve, sobre o sentido encontrado no objeto e sobre as motivações e memórias que foram ativadas. A produção foi recolhida e depois distribuída para que todos pudessem acessar e ler a maior quantidade de texto possível. Foi um momento de muita reflexão e energia, ao mesmo tempo que percebem a força das diferenças, um começou a se encontrar nas memórias do outro, percebendo o afeto guardado nessa congruência, nesse encontro. Foi quando passaram a entender um pouco a ideia de memória social e comunidade.

O próximo passo foi a constituição de uma obra coletiva com os fragmentos de sentido (objetos deixados no centro da sala), buscando e costurando os conceitos mais recorrentes, as vontades guardadas na memória, e a percepção de comunidade, tempo, diversidade.

Imagem 1: Grupo discente construindo obra coletiva



Fonte: Acervo Pessoal - Foto: Fábio Lopes

Surgiram obras marcadas por uma visão pouco inocente da realidade. Notou-se com nitidez a fragilidade da aproximação com o conhecimento dito formal, mas um descarrego de leitura clara da carga social, vivencial e política marcado por processos de exclusão de políticas públicas básicas.

A avaliação da atividade foi realizada através de um relatório sobre a construção das obras em sala. Através desse relatório passamos a entender o quanto esse aluno vem carregado de conhecimento e em alguns casos, angústia e medo.

Imagem 2: Obra coletiva Chão e equilíbrio



Fonte: Acervo Pessoal - Foto: Fábio Lopes

## **Massa Errante**

A disciplina Arte no IFPI campus Valença alicerça-se sob bases da Pedagogia Libertária, o que implica em um currículo aberto. As aulas são construídas ao longo da disciplina, de modo que haja a conciliação entre os conteúdos e os interesses (internos ou externos à Instituição) dos estudantes. Outro elemento determinante para o desenrolar da disciplina é a interdisciplinaridade com outras áreas do currículo escolar. Temos como proposta metodológica a a/r/tografia.

Objetivando a emancipação intelectual dos estudantes, estimulamos a participação ativa, de modo que eles possam fazer e refazer propostas de atividades vinculadas à realidade que vivenciam entrelaçadas com os conteúdos abordados nas aulas.

Prática realizada com o 2º ano do curso de Meio Ambiente Integrado ao Médio quando das paralisações dos caminhoneiros em 2018, na chamada Crise do Diesel, entre 21 de maio e 01 de junho, colocamo-nos a refletir o que estava acontecendo naquela conjuntura. Como conteúdo, estávamos falando sobre Arte Moderna e Contemporânea, e conhecendo os conceitos de Performance e Intervenção Artística na Sala de Arte<sup>3</sup>.

Passamos a observar e refletir sobre as obras de Cildo Meireles e debatemos o contexto político vivido no Brasil naquele momento. Os debates foram profícuos e culminaram em uma performance improvisada cujo título foi *Massa Errante*.

Um estudante conduzia um grande grupo composto por outros estudantes, que andava a passos de zumbi pelos corredores. Carregando pesadas mochilas cheias de coisas, o grupo era lentamente furtado por um pequeno grupo de estudantes que usavam máscaras. À frente, o líder da massa carregava um galão de gasolina e gritava energicamente:

- A gasolina está acabando! Compre! Vai acabar!

A massa seguia, estendia os braços tentando inutilmente alcançar o galão de combustível. Perdida em meio à massa, uma estudante gritava em desespero:

- Parem! Vocês não percebem que isso é mentira? É armado pelo sistema para vender mais e mais coisas! Não se deixem levar por mais essa enganação"! Alguns dos corruptores tentavam persuadir a estudante a juntar-se a eles, e ante a firme negativa, passavam a agredi-la e silenciá-la. Enquanto isso, o líder à frente berrava mais e mais:

---

<sup>3</sup> O campus Valença do Piauí dispõe de uma Sala de Artes Visuais, que vem sendo progressivamente equipada com materiais áudio-visuais e objetos cênicos. Os estudantes sentam-se às mesas compartilhadas, lado a lado, em forma de U. Assim, todos podem se olhar e interagir.

- O frango vai acabar! Compre frango! Compre ou morra de fome! Seus filhos irão morrer de fome se você não comprar frango e gasolina! Compre, compre!

Novamente a estudante rebelde retoma seus apelos:

- Amanhã tudo vai estar mais caro! Não caiam nessa armadilha! É tudo uma farsa! Pensem! Pensem!

E a massa seguia. Aqui e ali um estudante parava para ouvir os apelos da rebelde sensata, mas logo era distraído por anúncios de produtos ou por manifestações musicais que repetiam sempre o mesmo comando.

E assim a performance seguiu durante todo o intervalo, andando pelos corredores, pátios e salas. Ao final da atividade, discutimos e cada estudante contou o que sentiu durante todo o percurso.

## O Circuito

O Circuito de Arte Contemporânea, pensado para ocorrer entre os câmpus do IFPI, visa possibilitar o diálogo entre as produções de arte ligadas ao Ensino e à Extensão de cada região, sempre buscando o atravessamento das ideias da Pedagogia Libertária com a a/r/tografia, práticas que balizam nosso trabalho tanto em termos teóricos quanto em propostas de práticas emancipatórias. Aberto para a comunidade, o primeiro encontro foi realizado em 2016, no campus Oeiras, com uma troca entre os alunos de Oeiras e Valença.

Imagem 3: Logomarca Circuito de Arte Contemporânea do IFPI



Fonte: Criação Fábio Lopes

Em 2015 a conjuntura política do país levou o IFPI a uma greve que durou aproximadamente 132 dias. Ao retornarmos às aulas, decidimos realizar a primeira edição do Circuito de Arte Contemporânea do IFPI. Os estudantes do campus Valença levaram a Oeiras uma performance intitulada *La Revolución*, atividade que questionava os cortes orçamentários empreendidos pelo governo da então presidenta da república Dilma Rousseff (PT).

Imagem 4: Performance *La Revolución* sobre os cortes na Educação



Fonte: Acervo pessoal. Foto: Fábio Lopes

Entre as obras de Oeiras, podemos destacar a performance "Plantado em lixo". Obra pensada e executada inteiramente por um grupo de 5 alunos, tratava de questões sobre o consumo desenfreado e o acúmulo de lixo nos mananciais da cidade. A performance foi realizada primeiramente em frente a Prefeitura da cidade e registrada em vídeo. Para o encontro, usamos o registro e a mostra da própria obra.

Na ocasião, além da mostra de outras obras, aconteceu também uma troca de fanzines criados pelos alunos das duas cidades, trabalhados a partir das temáticas sugeridas coletivamente no cotidiano das aulas.

Imagem 5: Performance "Plantado em lixo"



Fonte: Acervo pessoal. Foto: Fábio Lopes

O primeiro circuito reverberou na instituição e logo em seguida a pró-reitoria de extensão realizou uma mostra cultural no campus de Pedro II com produções artísticas de todos os câmpus. Os trabalhos criados por nossos alunos foram convidados para o evento, e conseguimos motivar as turmas envolvidas para pensar ações conjuntas que resultaram em uma performance na fila do almoço no refeitório do campus que recepcionou o evento. O tema era o machismo e a homofobia. Os estudantes trocaram de roupa, os meninos vestiram as roupas das meninas, e vice-versa.

O circuito foi suspenso por um período de dois anos. O próximo circuito está sendo delineado para que os diálogos intercampi sejam retomados ainda no primeiro semestre de 2019.

### **Considerações Finais**

Os exercícios aqui descritos se apresentam como comprovação de que as práticas pedagógicas cotidianas, por mais limitadas que sejam em virtude da estrutura institucional e do modelo educacional adotado no Brasil, apontam

metodologicamente para a Pedagogia Libertária como uma possibilidade tanto necessária quanto urgente para o ensino de Artes Visuais.

Como abordagem transdisciplinar e como processo continuado de transformação, acreditamos na ampliação da contaminação de professores de outras disciplinas dentro dos Institutos Federais por meio de projetos de integração/colaboração, de forma a buscar aproximação com o Ensino Integral, inerente à Pedagogia Libertária.

Nossas pesquisas são costuradas às nossas práticas diárias do fazer educação, pois partimos do entendimento do processo de investigação como uma pesquisa viva, artográfica.

No geral, concluímos que a adoção da Pedagogia Libertária e da a/r/tografia são possíveis e necessárias, uma vez que apresentam resultados que vão além do mero fazer e sentir, pois essas práticas contemplam e ampliam a leitura crítica do universo que nos circula, construindo caminho com sentido na liberdade, a partir do entendimento da diversidade. Trabalhamos na perspectiva da emancipação intelectual dos estudantes ao buscar práticas com o currículo aberto, e ao priorizar os processos de aprendizagem e não apenas o conteúdo engessado. Nesse caminho, contamos com uma ampliação do caráter colaborativo, com aulas pensadas de maneira democrática, estimulando a autonomia do corpo discente e ampliando o caráter autônomo da atividade docente.

São práticas oriundas de indagações e investigações alimentadas por revoltas e afetos, motivadas pelo real desejo de emancipação dos estudantes, visando, para além do limitado e enfadonho *mercado de trabalho*, o universo amplo e diverso da vida. Práticas que conduzem não apenas o trabalho de cada um de nós, mas também nossas vidas diárias, sentidas e vividas no amplo espectro da Estética da (R)existência.

## Referências

ANTONY, Michel. **Os microcosmos** - experiências utópicas libertárias sobretudo pedagógicas: “Utopedagogias”. São Paulo: Expressão e Arte Editora: Editora Imaginário, 2011.

CANCLINI, Nestor G. **Diferentes, desiguais, desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O Mestre Ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: MOTTA, Manoel Barros da. (Org.). **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense, 2001. p. 411-422.

LIMA, Daniel; TAVARES, Túlio. **Na borda**: nove coletivos, uma cidade. São Paulo: Invisíveis Produções, 2011. Disponível em: [https://issuu.com/invisiveisproducoes/docs/naborda\\_100bb](https://issuu.com/invisiveisproducoes/docs/naborda_100bb). Acesso em 26 de março de 2019)

STIRNER, Max. **O falso princípio da nossa educação**. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário, 2001.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade** : entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro : J. Zahar, 2005.